

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

THANARA GONÇALVES DOS SANTOS

**ANÁLISE DA AUTONOMIA PRESENTE EM LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS  
NA APRENDIZAGEM DE IDEOGRAMAS: BASIC KANJI BOOK I E MINNA NO  
NIHONGO SHOKYŪ I KANJI – RENSHŪCHŌ**

MANAUS

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

THANARA GONÇALVES DOS SANTOS

**ANÁLISE DA AUTONOMIA PRESENTE EM LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS  
NA APRENDIZAGEM DE IDEOGRAMAS: BASIC KANJI BOOK I E MINNA NO  
NIHONGO SHOKYŪ I KANJI RENSHŪCHŌ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência final para a obtenção de título de Licenciado em Letras - Língua e Literatura Japonesa pela Universidade Federal do Amazonas.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ma. Camila Regina Ferracioli Pimentel.

MANAUS

2023

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S237a Santos, Thanara Gonçalves dos  
Análise da autonomia presente em livros didáticos utilizados na aprendizagem de ideogramas: Basic Kanji Book I e Minna no Nihongo Shokyû I Kanji Renshûchô / Thanara Gonçalves dos Santos . 2023

47 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Camila Regina Ferracioli Pimentel  
TCC de Graduação (Letras - Língua e Literatura Japonesa) -  
Universidade Federal do Amazonas.

1. Material didático. 2. Autonomia de aprendizagem. 3. Syllabus.  
4. Basic Kanji Book I. 5. Minna no Nihongo Shokyû I Kanji Renshûchô. I. Pimentel, Camila Regina Ferracioli. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

THANARA GONÇALVES DOS SANTOS

ANÁLISE DA AUTONOMIA PRESENTE EM LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS NA  
APRENDIZAGEM DE IDEOGRAMAS: BASIC KANJI BOOK I E MINNA NO NIHONGO  
SHOKYŪ I KANJI RENSHŪCHŌ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência final para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua e Literatura Japonesa, pela Universidade Federal do Amazonas.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ma. Camila Regina Ferracioli Pimentel.

Aprovado em: 27 / 06 / 2023

BANCA EXAMINADORA



---

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Camila Regina Ferracioli Pimentel (Orientadora)

Universidade Federal do Amazonas



---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Cristina Rosoga Sambuichi. (Membro)

Universidade Federal do Amazonas



---

Prof. Dr. Rodrygo Yoshiyuki Tanaka (Membro)

Universidade Federal do Amazonas

Manaus, 05 de Julho de 2023

Dedico este trabalho aos meus avós, Luiz Raimundo Gonçalves e Maria Izabel Goes dos Santos (*in memoriam*), que sempre apoiaram meus estudos e me ensinaram a persistir.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais por todo o suporte, afeto e por incentivarem a busca pelo conhecimento mesmo quando as condições não são favoráveis para isso.

Agradeço a minha irmã por ser minha verdadeira amiga e me amparar em momentos de crise e desmotivação.

Agradeço aos meus amigos que fiz durante a graduação, que pela primeira vez me fizeram perceber o valor de uma amizade. Poder compartilhar conhecimentos e experienciar coisas boas tornaram esses últimos anos na faculdade uma das minhas memórias mais felizes.

Agradeço a minha primeira orientadora, a Prof<sup>a</sup>. Ma. Catherine de Souza Medeiros Alves que me guiou na etapa do pré-projeto, demonstrando muita compreensão ao me explicar os assuntos que não dominava.

Agradeço de todo o coração a Prof<sup>a</sup>. Ma. Camila Regina Ferracioli Pimentel que sempre muito solícita, paciente e educada, me orientou na segunda etapa do meu trabalho. Sem os seus ensinamentos e conselhos, tudo isso não seria possível.

## RESUMO

Considerando a importância do material didático para o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira e a necessidade de haver autonomia nos estudos de ideogramas, neste trabalho produzimos uma reflexão crítica sobre esses elementos por meio da avaliação de dois livros didáticos de escrita em língua japonesa: *Basic Kanji Book I* e *Minna no Nihongo Shokyū I Kanji Renshūchō*. Assim, esta pesquisa tem como intuito discutir o papel do livro didático como recurso na aprendizagem de ideogramas para promover e/ou colaborar com a autonomia de aprendizagem dos estudantes de japonês. Para isso, primeiramente buscou-se fundamentação teórica com os autores Hutchinson e Waters (1987) sobre o planejamento e estruturação de um material didático, definido como *syllabus*, a definição e a função de materiais didáticos por Tomlison (2011) e os conceitos de autonomia descritos pelos autores Dickinson (1987), Leffa (2016) e Freire (2021). Para a coleta e avaliação dos dados utilizou-se uma abordagem qualitativa e o método comparativo. Os resultados obtidos mostraram que a composição e configurações dos livros propiciam a autonomia de aprendizagem uma vez que apresentam características que favorecem essa modalidade de aprendizado.

**Palavras-chave:** material didático; autonomia de aprendizagem; *syllabus*; *Basic Kanji Book I*; *Minna no Nihongo Shokyū I Kanji Renshūchō*.

## ABSTRACT

Considering the importance of instructional materials for teaching and learning a foreign language, as well as the need for autonomy in the study of ideograms, this work presents a critical reflection on these elements through the evaluation of two Japanese writing textbooks: *Basic Kanji Book I* and *Minna no Nihongo Shokyū I Kanji Renshūchō*. Thus, this research aims to discuss the role of the textbook as a resource in ideogram learning, promoting and/or supporting the autonomy of Japanese language learners. For that, theoretical foundations were sought, including the authors Hutchinson and Waters (1987) on the planning and structuring of instructional materials, defined as syllabus, the definition and function of instructional materials by Tomlison (2011), and the concepts of autonomy described by the authors Dickinson (1987), Leffa (2016), and Freire (2021). For data collection and evaluation, a qualitative approach and a comparative method were employed. The results showed that the composition and configuration of the books facilitate autonomous learning, as they present characteristics that favor this mode of learning.

**Keywords:** teaching materials; learning autonomy; syllabus, *Basic Kanji Book I*; *Minna no Nihongo Shokyū I Kanji Renshūchō*.



## 概要

外国語の教育における教材の重要性と漢字学習における自律性の必要性を考慮し、この研究では、日本語の書き方に関する2冊の教科書、『Basic Kanji Book I』と『みんなの日本語初級 I 漢字練習帳』を評価することにより、これらの要素について批判的な考察を行いました。したがって、本研究は、教科書が日本語学習者の漢字学習の自律性を促進または支援するためのリソースとしての役割を論じることを目的としています。そのために、Hutchinson と Waters (1987) による教材の計画と構造に基づき、Tomlison (2011) による教材の定義と機能、および Dickinson (1987)、Leffa (2016)、Freire (2021) による自律性の概念に基づき、調査しました。データの収集と評価には、質的アプローチと比較法を使用しました。得られた結果は、教科書の構成と設定が学習の自律性を促進することを示し、この学習方法をサポートする特徴を備えています。

**キーワード：**教材、学習の自律性、シラバス、Basic Kanji Book I、みんなの日本語初級 I 漢字練習帳

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>shōkei</i> da lição 1 .....	28
Figura 2 - Forma de escrita ( <i>Kakikata</i> ) da lição 2 .....	31
Figura 3 - Exercício de Leitura ( <i>Yomireنشū</i> ) da lição 9 .....	31
Figura 4 - Exercício de escrita ( <i>Kakireنشū</i> ) da lição 10.....	32
Figura 5 - Folha de ideograma ( <i>Kanji Shiito</i> ) da lição 5-6 .....	38
Figura 6 - Exercício de leitura ( <i>Yomireنشū</i> ) da lição 5-6.....	38
Figura 7 - Escrita de ideograma ( <i>kakireنشū</i> ) da lição 5-6.....	39

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dados bibliográficos e informações gerais do <i>Basic Kanji Book I</i> .....	27
Quadro 2 - Composição do <i>Basic Kanji Book I</i> .....	29
Quadro 3 - Configurações das lições do <i>Basic Kanji Book I</i> .....	33
Quadro 4 - Dados Bibliográficos e informações gerais do <i>Minna no Nihongo Shokyū I Kanji Renshūchō</i> .....	34
Quadro 5 - Composição do <i>Minna no Nihongo Shokyū I Kanji Renshūchō</i> .....	36
Quadro 6 - Configuração das lições do <i>Minna no Nihongo Shokyū I Kanji Renshūchō</i> .....	40
Quadro 7 - Avaliação de autonomia da aprendizagem .....	40

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>18</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>23</b>
<b>5</b>	<b>APRESENTAÇÃO DOS LIVROS.....</b>	<b>26</b>
<b>5.1</b>	<b>Basic Kanji Book I.....</b>	<b>26</b>
<b>5.2</b>	<b>Dados bibliográficos e informações gerais.....</b>	<b>26</b>
<b>5.3</b>	<b>Composição dos elementos do livro.....</b>	<b>27</b>
<b>5.4</b>	<b>Configuração das lições.....</b>	<b>29</b>
<b>5.5</b>	<b>Minna no Nihongo Shokyū I Kanji Renshūchō.....</b>	<b>33</b>
<b>5.6</b>	<b>Dados bibliográficos e informações gerais.....</b>	<b>33</b>
<b>5.7</b>	<b>Composição dos elementos do livro.....</b>	<b>35</b>
<b>5.8</b>	<b>Configuração das lições.....</b>	<b>36</b>
<b>6</b>	<b>REFLEXÃO CRÍTICA ACERCA DA AUTONOMIA PRESENTE NOS LIVROS.....</b>	<b>40</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, intitulado “a análise da autonomia presente em livros didáticos utilizados na aprendizagem de ideogramas: *Basic Kanji Book* e *Minna no Nihongo Shokyū I – Kanji Renshūchō*, discutiu-se o papel do livro didático como recurso na aprendizagem de ideogramas de forma autônoma.

No japonês são utilizadas três formas de escrita: o hiragana, katakana e o kanji. Diferentemente das duas formas de escrita que se trata de um sistema silábico, o ideograma se enquadra no lado morfêmico, o que pode dificultar o processo de assimilação, pois haverá adaptação ao conceito de um símbolo representar forma-som-significado (JOKO, 2014, p.3). Para estudantes estrangeiros que não possuem uma língua-materna que adote um sistema de ideogramas, elevar as habilidades linguísticas de leitura e escrita em língua japonesa se torna uma tarefa difícil, já que requer o conhecimento de um sistema de escrita diferente do qual o indivíduo está familiarizado.

Com o acréscimo de mais 196 caracteres à lista *Jōyō Kanji*<sup>1</sup>, é necessário ter conhecimento de 2136 ideogramas com variações de leituras *Kun’yomi* e *On’yomi*. A leitura *Kun’yomi* representa o som do termo em japonês e a leitura *On’yomi*, representa o som adaptado a fonética japonesa do ideograma originário na China (SUZUKI, 1985, p. 59-60). Diante disto, alcançar um nível de proficiência alto, e a fixação deles, eleva o grau de dificuldade de aprendizagem dessa língua. Ao iniciarmos os estudos de japonês, isso pode parecer muito complexo. Felizmente há recursos que norteiam esse caminho: os livros didáticos, atuando como peça vital na mediação de novos conhecimentos adquiridos de forma autônoma<sup>2</sup> ou conjunta em salas de aula. Porém, um material que não se enquadra no contexto da aprendizagem autônoma pode gerar resultados insatisfatórios nesse processo. Para Nicolaides e Fernandes (2007, p.47): “[...] o desenvolvimento do aprendizado autônomo é particularmente importante, considerando que estaremos desenvolvendo o suporte para um melhor resultado da

---

<sup>1</sup> O *Jōyō Kanji* é uma diretriz que determina os caracteres mais comuns usados na escrita cotidiana japonesa, como em jornais, revistas, documentos oficiais, leis, regulamentos, transmissões, atividades sociais etc. Até seu ano de criação, em 1981, a quantidade de kanji presente na lista era de 1945, após a atualização realizada em 2010, foram acrescentados 196 kanji e eliminados 5, totalizando a quantidade atual de 2136 kanji, segundo o artigo do autor Reiko Yabe (2017) publicado no *Jornal da Universidade Hokkaido Bunkyo*.

<sup>2</sup> Por autonomia de aprendizagem, neste trabalho, consideraremos o conceito de Leslie Dickinson (1994), Vilson Leffa (2016) e Paulo Freire (2021), segundo os autores, o aluno de forma consciente consegue desenvolver suas habilidades e atividades sem que haja um controle absoluto do educador.

aprendizagem”, desse modo, é fundamental ter cuidado na escolha de um livro didático que promovam essa capacidade.

Dado que os livros didáticos se fazem presentes no ensino de uma língua estrangeira, servindo como referência e recurso didático-pedagógico. “[...] precisamos de uma codificação das ações, dos conteúdos, e ainda da reflexão sobre esse processo, em um material que encerre tudo isso” (GOTTHEIM, 2007, p. 16). Por esta razão, justifica-se a produção de mais análises em relação ao material didático junto a questão de autonomia de estudos em língua japonesa por ser um assunto relevante que ainda está aberto a novos olhares.

Outro ponto que indicamos como justificativa se dá pelo contexto de aprendizagem de língua japonesa como língua estrangeira. Como parte dos alunos interessados em aprender a japonês não possuem condições de experienciar ela em suas vidas cotidianas, acreditamos que os materiais didáticos possam auxiliar nesta situação, pois esta espécie de recurso mobiliza a busca pelo conhecimento, sendo uma ferramenta que trabalha teoria e prática reflexivamente.

Outra questão que ocorre no aprendizado de uma língua estrangeira como segunda língua é a independência dos alunos. Não diferindo, em minha própria graduação a partir do 5 período os estudos de ideogramas passaram a ficar por conta dos alunos, sendo de sua responsabilidade pesquisar as traduções, leituras e significados de cada um deles apresentados nas lições. No curso de Letras — Língua e Literatura Japonesa da Universidade Federal do Amazonas, após a introdução dos silabários (*Hiragana* e *Katakana*) é quando temos o primeiro contato com os ideogramas, assegurado pelo projeto político e pedagógico (PPC). Na primeira versão regulamentada em 2014, nas referências básicas, o livro *Basic Kanji Book I e II* eram recomendadas como fonte principal de ensino de ideogramas, no entanto, foi substituído pelo livro *Minna no Nihongo Shokyū I Kanji Renshūchō*, doravante neste trabalho, *Renshūchō*. Em meu ano de aluno ingresso ainda tive aulas com o *Basic Kanji Book*, doravante BKB, utilizado como referência complementar. Portanto, é interessante refletir se o próprio livro didático utilizado atualmente pelo curso promove a aprendizagem autônoma.

Por conta disso, esta pesquisa tem como principal objetivo apresentar, a partir de uma análise comparativa entre dois materiais didáticos uma crítica que busca refletir sobre o papel do livro didático na autonomia de aprendizagem de ideogramas. Especificamente pretendemos analisar o conteúdo e informações gerais existentes em ambos os livros selecionados; compreender o *syllabus* e as abordagens metodológicas a partir de seus prefácios, bem como de suas lições iniciais (do BKB: 1-2; 9-10 e 13-14 e do *Renshūchō*: 1-10); avaliar os benefícios que os livros apresentam para a aprendizagem de ideogramas, ressaltando sua funcionalidade

dentro do quesito da autonomia de aprendizagem e por fim produzir uma reflexão crítica a respeito dos materiais.

O desejo de realizar essa pesquisa surgiu ainda quando cursava a disciplina de Prática Curricular IV voltada para o ensino e prática da escrita japonesa. Durante algumas vezes foi discutido a questão de maneiras de estudo de ideogramas, e recorde de comentários onde alunos se sentiam desmotivados ou perdidos para estudá-los por conta própria.

Considerando tudo isso, dois questionamentos deram início aos dados para a análise dessa pesquisa:

- a) Qual a importância do material didático na aprendizagem de ideogramas?
- b) Qual é a importância da autonomia de estudo?

Certamente ambos contribuem para a aprendizagem de ideograma, contudo, de forma empírica baseada na experiência de uso dos dois livros, intuímos que apenas o BKB, estimula a autonomia de aprendizagem dos alunos, e por tanto consideramos este aspecto relevante para a pesquisa. No entanto, dada a natureza e objetivos distintos que cada livro possui, o que procuraremos obter com a análise e comparação desses livros é somente expor os fatores que tornam (ou não) esses materiais convenientes para a aprendizagem autônoma.

Na tentativa de responder os questionamentos e atingir os objetivos propostos estruturamos esta monografia com os elementos obrigatórios e mais dois capítulos: introdução, revisão de literatura, referencial teórico, metodologia, conteúdo dos livros, reflexão acerca da autonomia presente nos livros e por fim as considerações. No primeiro capítulo sobre a apresentação dos livros dividimos em duas partes correspondente a cada um dos livros, marcando o início da análise geral como dados bibliográficos, sua composição e configuração das lições. No segundo capítulo trazemos a análise de autonomia sob forma de avaliação e reflexão acerca dos materiais.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

Na composição desta revisão de literatura está em três tópicos: crenças em aprendizagem de kanji, crenças em relação ao material didático e crenças da autonomia de estudos. E por fim, na última parte, citaremos as pesquisas já realizadas em análises de material didático de língua japonesa no contexto brasileiro.

Em sua dissertação de mestrado, André Oliveira (2013) apresenta como prioridade a reflexão das relações do estudo de crenças como chave para o desenvolvimento de práticas mais

efetivas por conta do impacto delas na vida dos alunos e professores. Os resultados obtidos a partir do estudo de caso sobre as crenças dos alunos no que diz respeito a aprendizagem de ideograma, foram que os participantes da pesquisa possuem motivos diferentes para gostar de aprender o ideograma, como, por exemplo, elementos afetivos oriundos de uma experiência pessoal, um fascínio pela estética diferente e por unanimidade, reconheceram a aprendizagem de ideograma como algo necessário, no entanto, ainda consideraram ser uma tarefa difícil.

Na monografia realizada por Lucas Yassui (2015), são investigadas as crenças a respeito de estratégias de aprendizagem de *kanji*. A partir das análises adquiridas por um questionário, o domínio da escrita japonesa aparenta ser baixo por conta da dificuldade na aprendizagem de *kanji* e falta da obrigatoriedade, os alunos acreditam que sua dedicação para esses estudos ainda não é suficiente para suprir essa barreira.

Yûki Mukai (2016) no seu estudo piloto, constatou que as crenças em relação à escrita japonesa para os alunos foi de que somente podemos elevar o nível da escrita se as 4 habilidades linguísticas (a fala, a compreensão auditiva, a leitura e a escrita) forem trabalhadas em conjunto, entretanto, é interessante ressaltar que a maioria dos participantes colocou a compreensão auditiva e a fala em primeiro lugar, fazendo com que a escrita fosse a última. É curioso a razão desse fato, assim como as demais pesquisas, também notamos que a dificuldade na escrita japonesa está ligada ao ideograma e que materiais didáticos também influenciam nisso, quando são vistos como a única forma de prática de escrita dentro e fora de sala de aula. Assim, se faz necessário que um bom material faça parte do seu cotidiano, esta é uma das crenças que os participantes compartilham, para se ter um desenvolvimento rápido, é importante o estudo realizado por uma fonte bem construída que atenda a demanda dos clientes, a crença sobre os materiais didáticos.

Renan Hayashi (2015) em sua dissertação de mestrado investigou as crenças, experiência e ações de aprendizes e professores em relação à função material didático de língua japonesa no âmbito do ensino-aprendizagem. Ao final constatou que o material didático é considerado uma ferramenta que promove experiência cognitiva em sala de aula, que tem efeito sob os participantes influenciando nas ações e experiências que formam suas crenças.

Saori Nishihata (2017), em sua dissertação de Pós-Graduação investigou as crenças em relação à autonomia da aprendizagem de língua japonesa com estudantes de nível superior sem alto rendimento na mesma. O resultado desse estudo de caso demonstrou a crença de que eles



não apresentam estratégias de estudo e prática que levam a autonomia. Entretanto, vemos que este quadro não é regular, na análise da pesquisa, a autora descreve as divergências dessas crenças, uma vez que os participantes acreditam poder realizar ações de aprendizagem e, ao mesmo tempo acreditam que não poderiam realizá-las com autonomia.

So Yamashiroya (2015), em sua dissertação para pós-graduação, investigou atividades de aprendizagem da língua japonesa fora da sala de aula para ter noção do momento que o aluno utiliza ações ligadas a autonomia e constatou-se que a maioria deles conseguiram por conta própria desenvolver o uso da língua japonesa com as interações sociais em ambientes formais como no trabalho e informal com amigos ou familiares e ainda sendo possível praticar sozinho com recursos tecnológicos como vendo animes e ouvindo músicas. Assim a autora conclui que as ações de autonomia desses alunos partem da motivação e interesse e dependem do meio social que os indivíduos estão inseridos.

Renan Hayashi (2016), em um artigo realizou uma análise dos livros didáticos *Nihongo Shoho* e *Nihongo Chūkyū* direcionada no conceito de gêneros discursivos e a nova retórica no contexto de ensino de língua japonesa no Brasil. Na pesquisa, a problematização lançada sobre os materiais didáticos levou ao resultado de que o uso de somente um não é apropriado, pois os livros contam com uma organização ultrapassada que não se enquadra nos modelos socioculturais necessários.

Stephen Richmond (2005), em um artigo discutiu sobre métodos, exercícios e estratégias de aprendizagem de ideogramas reavaliando quatro livros didáticos: *Guide To Remember Japanese Characters* (1988), *Remember The Kanji: A Complete Course On How Not Forget Meaning And Writing Japanese Characters* (1986); *Basic Kanji Book* (1989) e *Kanji In Context* (1994). Percebeu-se que para auxiliar na questão da aprendizagem de ideograma um material deve tipos de exercícios que equilibrem o estudo de ideograma na sua totalidade (ortográfica, semântica e fonológica) e fornecer informações sobre radicais fazendo com que o aluno vocabulários a seus ideogramas constituintes.

Yūki Mukai e Mayumi Yoshikawa (2009) em um artigo realizaram uma análise comparativa dos livros didáticos *Nihongo Shoho* e *Minna no Nihongo* visando evidenciar suas diferenças no que diz respeito à metodologia dos livros e os seus materiais de apoio e produzir uma crítica construtivas desses materiais. Como resultado da análise os autores concluíram que

emesmo sendo divergentes nas suas configurações, ainda assim podem ser utilizados conjuntamente, visto que os mesclar significa variar o tipo de exercícios e metodologias.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica deste trabalho parte de autores como Hutchinson e Waters (1987), que descrevem o sistema de organização *syllabus*, Brian Tomlison (2011), que trata do desenvolvimento de materiais no ensino de língua e Leslie Dickinson (1994), Vilson J. Leffa (2016) e Paulo Freire (2021), responsáveis por abordar o conceito de autonomia de aprendizagem dos alunos.

Segundo a definição mais atual disponível no dicionário Oxford de língua inglesa, *syllabus* é uma lista de tópicos, livros etc. que alunos devem estudar em uma determinada matéria em uma escola ou faculdade (Oxford English Dictionary, 2023). A ideia geral que temos após a leitura desse significado é que *syllabus* se trata de um simples material de estudos, contudo, isto é apenas uma rasa definição. À princípio, na concepção de Hutchinson e Walters (1987, p.80, tradução nossa) “*syllabus* é um documento que diz o que deve (ou o que não deve ser estudado). Mas, na verdade, existem várias maneiras diferentes pelas quais um *syllabus* pode ser definido”<sup>3</sup>, por isso quando pensamos na formação e criação do *syllabus*, as definições tornam-se amplas.

Isso decorre do fato que o documento do que será aprendido passa por vários estágios diferentes antes de chegar ao seu destino na mente do aluno. Cada etapa do seu percurso impõe uma nova camada de interpretação (HUTCHINSON e WALTERS, 1987, p.80, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Estas etapas geram tipos diferentes de esquematização, conseqüentemente gera tipos de *syllabus*, que segundo Hutchinson e Walters (1987) são: o *syllabus de avaliação*, o *syllabus organizacional*, o *syllabus dos materiais*, o *syllabus dos professores*, o *syllabus da sala de aula* e por fim o *syllabus dos alunos*. Como esta pesquisa está concentrada somente na aprendizagem, consideramos necessário elucidar brevemente somente sobre o *syllabus organizacional*, dos *materiais* e *dos alunos*.

O *syllabus organizacional*, assim como o nome sugere, se trata da ordem em que aprendemos os assuntos, sendo “[...] mais familiar na forma de uma página de conteúdo de um

---

<sup>3</sup> A syllabus is a document which says what will (or at least what should) be learnt. But, in fact, there are several different ways in which a syllabus can be defined.

<sup>4</sup> This stems from the fact that the statement of what will be learnt pass through several different stages before it recaches its destination in the mind of the learner. Each stage on its route imposes a further layer of interpretation.

livro didático” (HUTCHINSON e WALTERS, 1987, p.81, tradução nossa)<sup>5</sup>. Naturalmente, para ordenar conteúdos deve haver critérios, e esses devem “[...] carregar pressupostos sobre a natureza da aprendizagem, bem como, linguagem” (HUTCHINSON e WALTERS, 1987, p.81, tradução nossa)<sup>6</sup>.

O *syllabus dos materiais* também possui finalidade de definir ordens e modelos a serem utilizados, porém “o autor decide o contexto em que uma linguagem aparecerá, a integração de habilidades, o número e o tipo de exercícios que serão empregados em qualquer aspecto da língua e o grau de revisão” (HUTCHINSON e WALTERS, p.1, tradução nossa)<sup>7</sup>. Isso significa que o autor é responsável diretamente pela metodologia de aprendizagem adotada nos exercícios de um material didático e ainda por delimitar seu conteúdo.

O *syllabus do aluno* “é a rede de conhecimento que se desenvolve no cérebro do aprendiz e que permite o aluno a compreender e armazenar o conhecimento posterior” (HUTCHINSON e WALTERS, apud BREEN, 1984, p. 81-82, tradução nossa)<sup>8</sup>, ou seja, a manifestação interna do aprendizado.

Tendo em mente essas informações, consideramos que *syllabus* é, portanto, uma junção de metodologias, abordagens práticas e teorias linguísticas que se apresentam em forma de um planejamento de estudos, objetivando viabilizar o ensino-aprendizagem de determinado assunto.

Na questão do livro didático, como citado anteriormente, reconhecemos o seu papel vital no ensino e aprendizagem de uma língua, comumente sendo um recurso utilizado para obter fontes de conhecimento. Tomlison (2011) define o material didático como “qualquer coisa que seja deliberadamente usada para aumentar o conhecimento e/ou experiência da língua dos alunos” (TOMLISON, 2011, p.2, tradução nossa)<sup>9</sup>, e isto inclui recursos mais tradicionais como livros didáticos, livros de exercício, dicionários e até os modernos como CDs, vídeos e fotografias que podem ser utilizados separadamente ou estão incluídos em um único material.

Partindo para a sua composição, a função de um material didático passa a ser mais complexa, em meio ao estudo de uma língua estrangeira, o processo de assimilar uma nova

---

<sup>5</sup> [...] Most familiar in the form of the contents page of a textbook.

<sup>6</sup> [...] carries assumptions about the nature of learning as well as language.

<sup>7</sup> [...] The author decides the contexts in which the language will appear, integration of skills, number and type of exercises to be spend on any aspect of language and the degree of revision.

<sup>8</sup> [...] It is the network of knowledge that develops in the learner's brain and which enables that learner to comprehend and store the knowledge.

<sup>9</sup> [...] can be anything which is deliberately used to increase the learners' knowledge and/or experience of the language.

estrutura linguística é iniciado, por conta disto, Tomlison (2011) defende que idealmente, os materiais devem prover a frequente exposição ao autêntico input que sejam características na língua-alvo, ou seja, devem conter estruturas frasais e vocabulários que façam parte da vida comum de falantes nativos da língua-alvo, assim a aproximação e noção de uma linguagem espontânea se torna relativamente possível.

Trazendo essa questão ao estudo de ideogramas, sabemos que é fundamental que o material possua uma organização harmônica dos ideogramas e dos exercícios, permitindo a melhor memorização da sua leitura e do seu significado, deste modo os aprendizes podem aplicar esse conhecimento na prática se vendo capazes de reconhecer e escrever palavras. A organização desses livros pode variar conforme o público-alvo e objetivos estipulados pelos autores e colaboradores do livro didático, sendo assim, o conteúdo estruturado pode ser destinado a crianças ou adultos, tendo exercícios distintos que buscam trabalhar a forma da escrita do kanji, já na seleção deles, podem ser expostos por números de traços, radical, ou agrupados em uma temática, por exemplo. Logo quando pensamos no resultado da sua produção, outro ponto relevante ao tema dessa pesquisa é o impacto que os materiais causam nos alunos, de acordo com Tomlison (2011):

O impacto é alcançado quando os materiais têm um efeito perceptível nos alunos, ou seja, quando a curiosidade e o interesse e atenção dos alunos são atraídos. Se for alcançado há uma chance maior que de que parte da linguagem dos materiais seja levada ao processamento (2011, p.7, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Podemos deduzir que um material que não alcança esse tipo de impacto positivo nos alunos pode gerar problemas em seu aprendizado caso seja a fonte principal de seus estudos. Entretanto, não há fórmula exata de mensurar essa reação por se tratar de ser um elemento variável, pois “diferentes alunos têm diferentes tipos de estilos de aprendizagem preferidos” (TOMLISON, 2011, p. 2, tradução nossa)<sup>11</sup>. Por conta disso, Tomlison (2011) sugere que o material didático deve abranger atividades variadas para poder encaixar com a modalidade de aprendizagem que o aluno tem preferência.

Prosseguindo com o tópico da variedade de atividade, outra colocação discutida pelo autor é que ela está ligada a atitudes afetivas, isto é, o sentimento que o aluno terá em relação ao idioma que deseja aprender, aos professores e até mesmo aos materiais, sendo assim,

---

<sup>10</sup> Impact is achieved when materials have a noticeable effect on learners, that is when the learners' curiosity, interest and attention are attracted. If this is achieved there is a better chance that some of the language in the materials will be taken in processing.

<sup>11</sup> Different learners have different preferred leaning styles.

Tomlison (2011) propõe que os materiais devem promover a variedade e atender aos diversos interesses dos alunos-alvo.

No tocante da autonomia de aprendizagem, para autores como Dickinson (1994), Freire (2021) e Leffa (2016), o principal fator que caracteriza alunos autônomos é a capacidade de gerenciar os conteúdos, tempo e meios de estudo para atingir os seus objetivos. Embora esse esforço seja responsabilidade do aluno, a ação de aprendizagem não se inicia individualmente, "o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão" (FREIRE, 2021, p.28). Desta forma o educador exerce o papel de orientação permitindo a troca dos saberes e [...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo (FREIRE, 2021, p.28).

É preciso levar à prática aquilo que nos é ensinado em sala de aula para que o novo conhecimento se desenvolva por completo, assim a aprendizagem que realmente interessa é aquela que não é apenas reprodução do que já existe, mas criação de algo novo, de progresso e avanço, e só é possível com autonomia (LEFFA, 2016, p.302). Tanto para Freire (2021) quanto para Leffa (2016), é necessário haver a descentralização do saber a cargo somente do professor, desse modo a fundação do ensino-aprendizagem não deve ter o professor como autoridade máxima, porém o educador se faz ativo nesse processo de autonomia: "pode-se talvez ensinar a autonomia, ou seja, ensinar alguém a ser autônomo, mas não ensinar autonomamente." (LEFFA, 2016, p.302).

Dickinson (1994) e Leffa (2016) na perspectiva de autonomia de aprendizagem de uma língua estrangeira ressaltam que quando o aluno se torna independente, ele toma decisões relativas a seus estudos livremente, incluindo "[...] decisões sobre objetivos, formas de alcançá-los, materiais, fontes de input, atividades e assim por diante", como parte de decisões necessárias para o aprendizado de idiomas (DICKINSON, 1994, p.4, tradução nossa)<sup>12</sup>. Assim podemos dizer que essas decisões levam em conta o planejamento de estudos, administração dos recursos de aprendizagem e reflexão acerca do seu o próprio desempenho. E uma vez que a liberdade de escolha é encorajada pelo professor os alunos não irão mais aprender o mesmo

---

<sup>12</sup> [...] decisions about objectives, ways of reaching those objectives, materials, sources of input, activities and so on.

assunto de forma idêntica aos colegas de classe, cada um poderá prosseguir em seu próprio ritmo (LEFFA, 2016, p.297).

Para Dickinson (1994) os indícios que indicam sucesso em um aprendiz autônomo é a ligação que ele possui ativa e independente com a língua-alvo, dessa maneira, podem apresentar cinco capacidades: a de identificar o que está sendo ensinado, isto é, eles estão conscientes dos objetivos do professor; selecionar e implementar estratégias de aprendizagem apropriadas; monitorar e avaliar seu próprio uso de estratégias de aprendizagem e monitorar o seu próprio aprendizado. Agora para que o professor promova a independência dos alunos, Dickinson (1994) sugere alguns meios: legitimando a independência na aprendizagem através da demonstração de que nós, como professores, aprovamos e encorajamos os alunos a serem mais independentes; convencendo o aluno de que ele consegue de uma maior independência na aprendizagem, provavelmente de forma mais eficaz dando-lhe experiências bem-sucedidas de aprendizagem; dando oportunidades crescentes para exercitar sua independência e ajudando o aprendiz a desenvolver técnicas de aprendizagem. Posta essas capacidades e sugestões observamos que o ponto em comum entre autonomia do aluno e do professor está na estratégia de ensino-aprendizagem, dado que ambos precisam entender quais são suas metas, objetivos primários e secundários, os meios adotados ao ensinar ou realizar uma tarefa e analisar os resultados obtidos com a estratégia adotada, processo este, que segundo Dickson (1994) faz parte das estratégias meta cognitivas.

Diante disto podemos dizer que a autonomia de aprendizagem só é gerada quando indivíduo consegue desenvolver as estratégias de aprendizagem após receber instruções adequadas que viabilizam a formação do conhecimento crítico. Mas no que concerne a materiais didáticos para aprendizagem de ideogramas japoneses, o que pode gerar autonomia? Conforme a sugestão de Tomlison (2011), acreditamos que atividades com estilos variados podem potencializar ações ligadas à autonomia pois segundo o autor o aluno pode adaptar as suas formas de aprendizagem, assim acaba experienciando mais de uma forma de metodologia configurada no livro. Como vimos anteriormente, para Tomlison (2011), Dickinson (1994) e Leffa (2016) um material funcional é umas das peças cruciais na coordenação de estudos autônomos do aluno, já que é um meio acessível de informação que atende requisitos estipulados por cursos livres ou instituições de ensino. E por fim, um material atrativo possui chances altas de apresentar resultados positivos na aprendizagem autônoma, já que segundo Tomlison (2011) o interesse por aquele material será maior, assim podemos deduzir que o

manuseio do livro didático de ideograma pode ser mais frequente caso o aluno sinta que suas necessidades de prática e estudo de kanji são supridas.

#### 4 METODOLOGIA

Este trabalho conta com uma abordagem qualitativa que se apoia na metodologia de estudo comparativo, tendo como objeto dessa comparação os dois materiais didáticos já citados. A pesquisa se enquadra em uma abordagem qualitativa por ter teor crítico e pela tentativa de identificar possíveis fatores que tornem o material didático um meio de promoção da autonomia de estudos para os educandos. Comum na área das ciências sociais, os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p.33). Outro ponto que vale ressaltar nessa abordagem é sua lente de foco, o objeto da pesquisa se faz particular, explica Minayo (2001, p.23):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p.23).

Como podemos perceber até aqui, o elemento social que se faz importante nessa abordagem é a vivência humana aprofundada nas suas ações e relações. Para SILVEIRA e CÓRDOVA (2009, p.34), a pesquisa qualitativa visa analisar partes dos elementos da realidade que não podem ser quantificados, direcionando um estudo na compreensão e a explicação da dinâmica das relações sociais.

Já para a análise da presença da autonomia presente em livros didáticos utilizados no ensino de ideogramas, a metodologia que utilizaremos é a do estudo comparativo, que definida por Fachin (2001, p.40):

Um estudo comparativo consiste em investigar coisas ou fatos e explicá-los segundo suas semelhanças e suas diferenças. Geralmente, o método comparativo aborda duas séries ou fatos de natureza análoga, tornados de meios sociais ou de outra e a do saber, a fim de se detectar o que é comum a ambos. Esse método é aplicado nas mais diversas áreas das ciências, principalmente na das ciências sociais. Sua utilização deve-se à possibilidade oferecida pelo estudo de se trabalhar com grandes grupamentos humanos em universos populacionais diferentes e até distanciados pelo espaço geográfico.

Assim poderemos analisar as semelhanças e diferenças dos dois livros dentro da perspectiva da aprendizagem proposta por cada um dos *syllabus* e observar se os materiais

didáticos em questão proporcionam autonomia para o aluno de acordo com sua composição, conteúdo e critérios avaliativos para verificar a presença de autonomia nos materiais.

À princípio realizamos pesquisas bibliográficas acerca de materiais didáticos e conceitos de autonomia de estudos e *syllabus* para ressaltar a importância de ambos no contexto de aprendizagem de ideogramas na língua japonesa. Seguindo os parâmetros estabelecidos na pesquisa de Yûki Mukai e Mayumi Yoshikawa (2009), foram produzidos quadros semelhantes à tabela utilizada pelos autores a fim de sistematizar as informações sobre a composição e dados bibliográficos dos livros como autor(es), editora, local e data da publicação, número de páginas, público-alvo etc. E na identificação dos tipos de atividades para o tópico de configuração das lições seguimos a pesquisa de Stephen Richmond (2005), que em sua reavaliação de quatro livros de estudo ideogramas descreveu exercícios divididos em quatro tipos: por leitura/escrita (de ideograma para hiragana e do hiragana para o ideograma), por ordem de traço/numérica, por exercícios de radical e por exercícios semânticos. Dando continuidade à análise, adotamos critérios avaliativos da presença de autonomia dentro de materiais de didáticos com base nos teóricos Tomlison (2011), Dickinson (1994) e Leffa (2016) e a maneira de constatar autonomia sugerida na pesquisa de Nicolaides e Marx (no prelo, citado por Nicolaides e Fernandes, 2007, p. 49) que são: foco na forma; autoavaliação e autonomia e alternativas de opção para execução de tarefas, e assim construímos um quadro próprio que incluiu questões geradas por essas referências a fim de facilitar a reflexão sobre autonomia. Deste modo, chegamos aos seguintes critérios avaliativos:

- 1) O conteúdo é de fácil compreensão para os alunos?
- 2) As informações gerais sobre ideogramas estão presentes no livro?
- 3) As informações visuais atraem o interesse do aluno?
- 4) Existe variedade de estilos de atividade de escrita e leitura de ideogramas no livro?
- 5) Existem níveis diferentes para cada atividade?
- 6) O aluno pode escolher realizar uma atividade por ordem de preferência?
- 7) O livro disponibiliza um meio para que o aluno possa realizar autoavaliação?
- 8) O livro disponibiliza o meio para que o aluno possa realizar automonitoramento?

Para Tomlison (2011), Dickinson (1994) e Leffa (2016) a praticidade dos materiais colabora com a aprendizagem autônoma quando o aluno põe em práticas ações do planejamento dos seus estudos de maneira independente, portanto se faz necessário questionar se o conteúdo de um livro está configurado em um modelo simples.



Quando pensamos em praticidade de um material é na disposição e quantidade informações que possam ser acessadas em um único local, desse modo devem ser avaliadas informações gerais de ideogramas dos livros.

No que concerne aos exercícios, uma característica dos materiais que promovem autonomia deve conter é a flexibilidade na resolução deles, e ao fazer isso acaba englobando atividades diferentes que podem causar reações positivas nos alunos, já que para Tomlison “[...] os materiais alcançam impacto através da variedade quebrando a monotonia” (2011, p.7, tradução nossa)<sup>13</sup>, dessa maneira é necessário verificar os estilos, níveis e sistematização das atividades. Na mesma linha de impacto, Tomlison afirma que [...] matérias alcançam impacto através de apresentação atraente (2011, p.7, tradução nossa)<sup>14</sup>, logo atraindo a atenção do aluno, por conta disso devemos examinar as ilustrações dos livros.

Para a autoavaliação e automonitoramento, Nicolaidis e Vera (2007, p. 50) atestam que “o aprendiz deve ser capaz de avaliar seus conhecimentos e verificar quais os aspectos de cuja melhoria depende para aprimorar seu desempenho”, e por isso é preciso analisar se existem meios que contribuam para isso, tais como espaços para anotações e avaliações, atividades extras que saiam de um modo mecânico (relativo à estrutura das atividades) e orientações ou dicas para alunos e professores de como utilizar o material didático.

Terminada as explicações dos critérios na análise em si evidenciaremos somente a parte relevante para a aprendizagem de ideogramas, sendo o conteúdo do livro, composição dos elementos do livro e configuração das lições examinadas, compreendendo seu *syllabus* e abordagens metodológicas. Desta forma, verificaremos se a autonomia de estudos é estimulada ou se o material didático foca apenas no processo de aprendizagem de kanji sem oportunizar a autonomia.

Enumeramos os procedimentos dessa análise da seguinte forma:

- 1 Organizar os tópicos para os quadros de análise do conteúdo e de avaliação final dos livros;
- 2 Reunir as informações gerais dos livros didáticos conforme os itens requeridos nos quadros;

---

<sup>13</sup> [...] materials can achieve impact through variety breaking up the monotony.

<sup>14</sup> [...] materials can achieve impact through attractive presentation.

- 3 Analisar as informações obtidas das lições já agrupadas nos quadros para descrever suas configurações. Do BKB, escolhemos as lições 1 e 2; 9 e 10 e 13 e 14 nesta ordem para expor unidades com temas diferentes e no caso do *Renshūchō*, optamos pelas lições de 1 a 10, para poder mostrar parte do padrão de exercícios e atividades extras se repetem;
- 4 Realizar a reflexão crítica sobre autonomia dos materiais analisados na comparação.

Reiteramos que para a análise do BKB, dispomos da terceira edição, publicada em 1990 e para o *Renshūchō* a primeira edição publicada em 2004.

## 5 APRESENTAÇÃO DOS LIVROS

### 5.1 *Basic Kanji Book I*

### 5.2 Dados bibliográficos e informações gerais

Formulado pelos autores Chieko Kano, Yuri Shimizu, Hiroko Takenaka e Eriko Ishii em 1 de abril de 1989, foi publicado no Japão a primeira de quatro versões desse livro, pertencente a editora intitulada Bonjinsha.

Como descrito no seu prefácio, o *Basic kanji Book* é o resultado das pesquisas realizadas no campo da aprendizagem de ideogramas sob responsabilidade dos membros do Centro de Educação de Estudantes Internacionais da Universidade de Tsukuba. Originalmente a versão experimental concluída em 1987 tinha a função de auxiliar alunos intercambistas, que em sua maioria não tinham língua com sistema de escrita semelhante à japonesa, a alcançar o objetivo de evoluir suas habilidades nesse idioma para darem o andamento em suas atividades de pesquisa na universidade. Atualmente a proposta deste livro é ensinar ideogramas de uma maneira mais eficiente e sistemática possível, mantendo como o público-alvo alunos estrangeiros que não utilizam o sistema de ideogramas (KANO et al. 1990).

Adentrando na parte das informações gerais, o livro tem o tamanho B5. Contém 256 páginas, 22 lições e 500 ideogramas. O nível é tido como básico I, o primeiro da coleção de quatro volumes. Não há traduções para a língua portuguesa, porém praticamente todo o conteúdo do livro possui tradução para a língua inglesa, fato decorrente de ser projetado para um curso de língua japonesa intensivo para estudantes estrangeiros Como materiais de apoio

existe o livro de exercícios *Basic kanji workbook Tsukatte Yoi Tsuku! Kanji x Goi*<sup>15</sup> e o aplicativo “Basic Kanji Plus” que está disponível nos sistemas de operação Android e IOS. No quadro 1 apresentam-se as informações básicas reunidas sobre o livro:

Quadro 1 - Dados bibliográficos e informações gerais do *Basic Kanji Book I*

<b>Dados bibliográficos e informações gerais</b>			
<b>Nome do (s) autor (es)</b>	Chieko Kano, Yuri Shimizu, Hiroko Takenaka e Eriko Ishii	<b>Editora</b>	Bonjinsha
<b>Local da publicação</b>	Japão	<b>Ano da Publicação da 3ª edição</b>	1990
<b>Ano da Publicação da 1ª edição</b>	1987	<b>Tradução</b>	Inglês
<b>Número de páginas</b>	256	<b>Número de lições</b>	22
<b>Número de ideogramas</b>	500	<b>Tamanho</b>	B5
<b>Nível</b>	Básico I	<b>Coleção</b>	Possui quatro volumes
<b>Público-Alvo</b>	Estudantes estrangeiros	<b>Materiais de Apoio</b>	Basic Kanji Workbook e Basic Kanji Plus

Fonte: Elaboração própria com base em Yûki Mukai e Mayumi Yoshikawa (2009, p. 177-178) (2023).

Para reunir as informações sobre autores, editora, local da publicação, data da publicação da primeira e terceira edição foi consultado a folha de rosto. Quanto ao nível, número de lições, páginas e ideogramas bastou-se observar o desenvolvimento do livro e no prefácio foi possível encontrar a definição nível e do público-alvo para qual o livro é destinado. Apenas os materiais de apoio e a coleção foi necessário verificar no site da editora *Bonjinsha*.

### 5.3 Composição dos elementos do livro

Os elementos que compõem o livro *Basic Kanji Book* são: prefácio, instruções de uso do livro, introdução ao sistema de escrita japonesa, índice, parte destinada ao significado, leituras

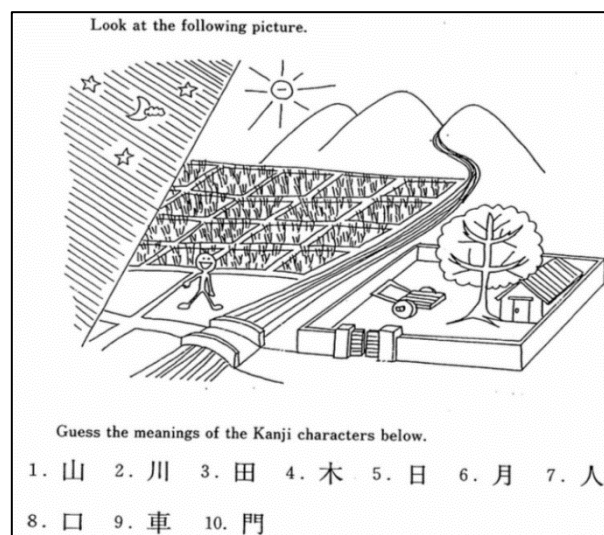
<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.bonjinsha.com/goods/detail?id=778&pt=4>. Acesso em 20 de mai.2023.

e forma de escrita de ideogramas (*kanji kakikata*)<sup>16</sup>, exercícios de leitura (*Yomirensū*)<sup>17</sup>, exercícios de escrita (*kakirensū*)<sup>18</sup>, exercícios de revisão e o index de ideogramas.

Nas páginas seguintes temos itens que facilitam o ensino-aprendizagem de professores e alunos: as instruções de uso do livro e introdução ao sistema de escrita japonesa. Nesta primeira parte os autores descrevem a estruturação de cada seção do livro, que compreende três unidades. A primeira unidade é uma espécie de introdução ao conceito dos ideogramas, onde se inicia com história e noção básica das características dos ideogramas e dos tipos de leitura. A segunda unidade trabalha as regras básicas de escrita de ideogramas (ordem de traço, direção e finalização do traço) e é onde começam os exercícios de leitura e escrita. Já a terceira dispõe os materiais de leituras (textos curtos de gêneros descritivo e narrativo). Seguindo no campo das estruturas, o livro oferece lições extras reforçando aquilo que foi aprendido anteriormente “você conhece essas palavras/ Consegue usá-las?” a cada término de quatro lições e ao final há revisões da lição 1 a 5, 6 a 10, 11 a 15 e da 16 a 20.

No restante da descrição dos elementos destacamos que o design livro é simples, as ilustrações não apresentam coloração ou um estilo hiper-realista, no entanto, são abundantes e poucas lições não apresentam desenhos na unidade 2 (as lições 21 e 22). A figura a seguir demonstra ilustrações para ideogramas denominados *shōkei*<sup>19</sup>:

Figura 1 - *shōkei* da lição 1



Fonte: KANO, *et al* (1990, p. 10) (2023)

<sup>16</sup> *Kanji kakikata* é a maneira de escrita de um ideograma, envolvendo forma e quantidade dos traços.

<sup>17</sup> *Yomirensū* são exercícios voltados para a leitura de frases ou textos.

<sup>18</sup> *Kakirensū* exercícios projetados para o treino de escrita de ideogramas.

<sup>19</sup> Ideogramas originados de representações de objetos ou elementos da natureza (SUZUKI, 1985, p. 53).

No Quadro 2 reunimos as informações sobre a composição desse livro:

Quadro 2 - Composição do *Basic Kanji Book I*

<b>Composição do livro</b>	
<b>Elementos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Prefácio</li> <li>- Instruções de uso do livro</li> <li>- Introdução ao sistema de escrita japonesa</li> <li>- Índice</li> <li>- Parte destinada ao significado, leituras e forma de escrita de ideogramas (<i>kanji kakikata</i>)</li> <li>- Exercícios de leitura</li> <li>- Exercício de escrita de ideogramas</li> <li>- Exercícios de revisão</li> <li>- Index de ideograma</li> </ul>
<b>Informações visuais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ilustrações</li> <li>- Mapas</li> <li>- Outros</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria com base em Yûki Mukai e Mayumi Yoshikawa (2009, p. 177-178) (2023).

Para a formulação deste quadro verificou-se a primeira parte do material sendo o prefácio, em seguida instruções de uso, uma introdução a escrita japonesa e após vem o índice. Na segunda parte temos os exercícios e ao final há o index com os 500 ideogramas apresentados no livro.

#### **5.4 Configuração das lições**

Para a descrição das configurações das lições realizamos um recorte metodológico, foram analisadas as lições 1 e 2; 8 e 9 e 12 e 13 do mesmo livro para expor unidades com temas diferentes. Mas antes de iniciar a análise, consideremos alguns pontos já esclarecidos pelos autores ainda nas instruções do livro.

Como citado anteriormente, existem três unidades, sendo a primeira introdução ao ideograma, a segunda dividida em três partes dedicadas aos exercícios e terceira somente contém textos. Cada lição traz breves explicações sobre origem, composição e radicais do ideograma, regras de adjetivos, verbos de acordo com o tópico da lição. Quanto a seleção de ideograma se dá por suas características (relativo à sua origem), por significado das palavras (especialidade, sobre nomes, estações do ano etc.), por situações (viagem, vida, casamento etc.), por funções (numerais, verbos, adjetivos e substantivo) por radical e afixos (KANO *et al* 1990).

Nas explicações das unidades há recomendações de como planejar a aula, focando no que deve ser ensinado, preparação de materiais complementares (flash cards com os vocabulários a serem ensinados) e até mesmo os horários para o limite da duração da aula e o tempo de realização para cada tipo de exercício. Outra sugestão que os autores fazem é que para a prática de escrita ou dever de casa, se for possível, não deixar que os alunos só escrevam no livro, para assim os alunos não olharem repetidas vezes para o ideograma nas páginas do livro, e para facilitar a entrega de atividades. Não é possível determinar uma metodologia de ensino adequada para esse material, entretanto por conta de o livro ter sido produzido para um curso de língua japonesa no Japão, acreditamos que pode ser utilizado aos moldes do método direto.

Até aqui, nota-se que a metodologia explicada não está voltada especificamente aos alunos, entretanto é possível compreender tais elementos discutidos anteriormente, pois a organização desse livro direciona os alunos para a prática de escrita constante, revisão de leitura e significados, sendo uma das partes essenciais para a memorização de um ideograma, como também sempre dispõe explicações simples para cada assunto abordado. Apesar das lições possuírem uma estrutura fixa a se seguir, o aluno autônomo pode escolher o que praticar de acordo com sua preferência, isto é claro, após concluir a introdução. Entretanto, dada as condições de planejamento a qual vimos aqui, o monitoramento de progresso do aluno ainda parece ser parcialmente responsabilidade do professor, assim podemos classificar a modalidade de aprendizagem do livro em grupo ou individual.

Partindo para a análise das configurações das lições, no recorte metodológico realizado a partir das lições 1 e 2; 9 e 10; e 13 e 14, pode ser identificado um dos quatro tipos de exercícios especificados na pesquisa de Stephen Richmond (2005), o exercício de leitura/escrita (do ideograma para hiragana e do hiragana para ideograma). Contudo, segundo Richmond (2005, pág. 55), o livro contém exercícios baseados em radicais, só que em quantidade limitada. Agora em relação aos detalhes da estrutura dos exercícios descreveremos a seguir as seguintes partes: *kakikata* (forma de escrita), *Yomirenshū* (exercício de leitura) e *Kakirenshū* (exercício de escrita).

No *Kakikata* primeiramente se encontram as informações dos ideogramas a serem estudadas na lição que ocupam três laudas e são dispostos de 10 a 12 por cada lição. No lado esquerdo da folha temos a numeração marcando a quantidade desses caracteres ao longo do livro, e ao lado apresenta o ideograma em uma fonte maior com uma caligrafia que tenta ser mais próxima de uma letra de mão. No meio da página temos o significado isolado do

ideograma, suas leituras *Kun'yomi* e *On'yomi*, e à direita a quantidade de traços. Abaixo há uma demonstração passo a passo da ordem dos traços que indica que o mesmo deve ser feito nos pequenos espaços em branco e na última parte temos os vocabulários que contém o ideograma apresentado e seus respectivos significados, como podemos ver na figura 2:

Figura 2 - Forma de escrita (*Kakikata*) da lição 2

16	女	woman female	おんな	ジョ	(3)
	く	女			
	女(おんな) a woman 彼女(かの・じょ) she		女(おんな)の人(ひと) a woman		
17	学	study	(まな-ぶ)	ガク/ガッ	(8)
	、	ッ	ッ	学	学
	学生(がく・せい) a student 学校(がっ・こう) a school		大学(だい・がく) a university		

Fonte: KANO, *et al* (1990, p. 23).

O padrão dos exercícios de leitura/escrita apresentado nas lições se configura na escrita da leitura dos vocabulários em ideograma para o hiragana (primeira parte do *yomirenshū*) e na passagem de sentenças simples de ideograma para o hiragana (na segunda parte do *yomirenshū*).

Figura 3 - Exercício de Leitura (*Yomirenshū*) da lição 9

I. Write the reading of the following Kanji in Hiragana.
1. 話す 2. 聞く 3. 書く 4. 読む 5. 見る 6. 行く 7. 来る
8. 帰る 9. 買う 10. 飲む 11. 食べる 12. 教える
13. 車で 大学へ 行きます。 14. 来月、田中さんが来ます。
15. 肉を 食べますか、魚を 食べますか。 16. デパートで買物をします。
II. Write the reading of the following Kanji in Hiragana.
1. きょう古い新聞を読みました。

Fonte: KANO, *et al* (1990, p. 91).

Já nos exercícios de escrita temos atividades de preencher lacunas com o ideograma solicitado de acordo com a leitura abaixo, correspondendo então a passagem do hiragana para o ideograma. Ao longo do livro esse exercício não apresenta muita variação na primeira e segunda parte como podemos observar na figura 4.

Figura 4 - Exercício de escrita (*Kakireنشū*) da lição 10

I. Fill in the blanks with an appropriate Kanji.			
1. morning	2. daytime	3. night	4. evening
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/> = <input type="text"/>	<input type="text"/>
あさ	ひる	ばん    よる	ゆう    がた
5. every week	6. a.m.	7. p.m.	8. Sunday
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
まい   しゅう	こ    ぜん	こ    こ	にち   よう   び
II. Fill in the blanks with an appropriate Kanji.			
1. breakfast	2. lunch	3. supper	4. a midnight meal
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
ちょう   しょく	ちゅう   しょく	ゆう   しょく	や   しょく

Fonte: Kano *et. al* (1990, p. 101).

Em relação aos textos, eles se apresentam em forma de sentenças, diálogos, cartas, entrevistas, instruções, descrição e narração. De maneira geral todas as lições têm seguimento ligado a um tema, por tanto podemos dizer que estão organizadas por *syllabus de tópico* (lição 1 à 8: ideogramas *shōkei*; lição 8 e 16: adjetivos; lição 9 e 21: verbos; lição 11 à 14: radicais; lição 20: províncias do Japão e lição 22: substantivos feitos por dois ideogramas) e o *syllabus funcional/nocional* quando existe funções para os ideogramas aprendidos (lição 10: ideogramas para medir tempo; lição 17: ideogramas para expressar ações de movimento; lição 18: ideogramas com significado de posição; lição 19: afixo dos ideogramas).

Recapitulemos as características gerais descritas até aqui nesta seção. O livro BKB é adequado para um público-alvo em nível superior e possui modalidade de aprendizagem autônoma por oferecer uma ampla quantidade de informações sobre os ideogramas ao alcance dos alunos, desde que este tenha conhecimento da língua inglesa. A estrutura dos exercícios que se repete invariavelmente, a qual se enquadra em um *syllabus de tópico e*



*nocional/situacional* não possui metodologia de ensino definitiva, pode ser utilizada nos moldes do método direto, bem como a abordagem de gramática e tradução, caso venha ser uma fonte complementar, pois o livro não foca no ensino de gramática. No 3 Quadro estão resumidas essas informações:

Quadro 3 - Configurações das lições do *Basic Kanji Book I*

Configuração das lições			
<b>Organização do Syllabus</b>	Tópico e Funcional/nocional	<b>Estilo de Texto</b>	Sentenças, diálogos, cartas, entrevistas, descrições e narrações
<b>Seleção dos ideogramas</b>	Características do ideograma, significado, situação, função, radical e afixo	<b>Modalidade de aprendizagem</b>	Em grupo ou individual

Fonte: Elaboração própria com base em Yûki Mukai e Mayumi Yoshikawa (2009, p. 177-178) (2023).

As informações a respeito da seleção dos ideogramas foram obtidas no prefácio do livro. Enquanto a organização dos *syllabus*, estilos de texto e modalidade de aprendizagem observamos por meio da análise do material.

### 5.5 *Minna no Nihongo Shokyû I Kanji Renshûchô*

### 5.6 Dados bibliográficos e informações gerais

Organizado pela Escola Japonesa Internacional de Tóquio, em 06 de janeiro de 2004 o livro foi publicado pela editora 3 A Corporation no Japão e a primeira de oito versões do livro. Nas informações contidas no prefácio a construção do material veio da necessidade de professores de ensinar ideogramas conforme os vocabulários já estudados no caderno de exercícios de sentença padrão com o objetivo de melhorar tanto a gramática e vocabulário quanto as habilidades de ideogramas. Na seção curta do manual consta que é um livro de exercícios de kanji criado como material de ensino suplementar do *Minna no Nihongo Shokyû I* (TÔKYÔ KOKUSAI NIHONGO GAKUIN, 2004).

O público-alvo não é descrito tanto no prefácio quanto nas instruções, porém de acordo com Yûki Mukai e Mayumi Yoshikawa (2009) ele destinado a estudantes estrangeiros numa faixa etária adolescentes a adultos, e pode ser utilizado com alunos do ensino médio e superior.

Sobre as informações gerais o livro tem o tamanho contém 114 páginas, 25 lições e 218 ideogramas dispostos em 16 por cada lição. O livro todo se encontra em japonês, sem traduções nos elementos pré-textuais e no seu desenvolvimento, porém vale mencionar que “outros materiais da série possuem tradução para o inglês, espanhol e português” (MUKAI e YOSHIKAWA, 2009, p.164). O nível é tido como iniciante e faz parte da série de livros *Minna no Nihongo*.

Como o próprio livro já é considerado um material de apoio, vale mencionar outros materiais dessa série, que segundo Yûki Mukai e Mayumi Yoshikawa (2009, p. 168-169) são: caderno de exercícios básicos, caderno de exercícios de sentenças-padrão, caderno de ideogramas chineses, caderno de redação, cartões ilustrados, livro de explicação gramatical em português com a tradução do vocabulário, livros de exercício de compreensão auditiva com CD, vídeo dos diálogos e de diálogos de revisão, fitas-cassete (na sua primeira edição de 1994), caderno de exercícios de ideogramas e o manual do professor. No quadro 4 apresentam-se as informações básicas reunidas sobre o livro:

Quadro 4 - Dados Bibliográficos e informações gerais do *Minna no Nihongo Shokyû I Kanji Renshûchô*

<b>Dados bibliográficos e informações gerais</b>			
<b>Nome do (s) autor (es)</b>	Organizado pela tōkyō kokusai nihongo gakuin	<b>Editora</b>	3A Corporation
<b>Local da publicação</b>	Japão	<b>Ano da Publicação da 1ª edição</b>	1994
<b>Ano da Publicação da 2ª edição</b>	2004	<b>Tradução</b>	Não há
<b>Número de páginas</b>	114	<b>Número de lições</b>	25
<b>Número de ideogramas</b>	218	<b>Tamanho</b>	B5
<b>Nível</b>	Iniciante	<b>Coleção</b>	Série <i>Minna no Nihongo</i>
<b>Público-Alvo</b>	Estudantes estrangeiros	<b>Materiais de Apoio</b>	Não se aplica

Fonte: Elaboração própria com base em Yûki Mukai e Mayumi Yoshikawa (2009, p. 177-178) (2023).

As informações sobre autores, editora, local da publicação, data da publicação da primeira e terceira edição foi consultada na folha de rosto. Quanto ao nível, número de lições,

páginas e observamos o desenvolvimento do livro e no prefácio encontrasse a definição nível e do público-alvo para qual o livro é destinado. Apenas os materiais de apoio e a coleção foi necessário verificar no site da editora 3A Corporation.

## 5.7 Composição dos elementos do livro

Os elementos que compõem *Renshūchō* são: prefácio, instruções de uso, lista de ideogramas, índice, noções básicas de ideograma, folha de ideogramas (*kanji shiito*), exercício de leitura (*yomireنشū*), exercícios de escrita (*kakireنشū*) e testes de revisão (*fukushū tesuto* e *matome tesuto*), tabela numérica, index de ideogramas, respostas das folhas de ideogramas, dos exercícios e revisões.

Na primeira parte desse material temos no prefácio de maneira breve a apresentação do livro que aborda sobre a razão de sua criação e informações gerais sobre seu conteúdo. Em seguida temos instruções de uso a qual os autores descrevem a estruturação das lições e seleção dos ideogramas do material. Na página seguintes temos a lista com todos os 218 ideogramas mostrando-os agrupados em suas respectivas lições e depois há as noções básicas das regras de escrita, demonstrando formas de começo, finalização, contagem e ordem dos traços sem o auxílio de um texto. Na próxima página continua nas noções com avisos sobre direção, forma e ordem de traço dos ideogramas e finalizando a seção com a representação dos radicais junto ao ideograma que possui eles e novamente não há explicações escritas.

As lições apresentam-se agrupadas de 1 a 24 em duas seções e a lição 25 foi agrupada em uma única seção. A estrutura desse livro é composta pelas folhas de ideograma, exercícios de escrita e leitura, que mais a frente serão explicados nas configurações das lições com a recomendação de uso do livro dos autores. Quanto ao design não existem ilustrações, com exceção do esquema de representação dos radicais.

No quadro 5 estão reunidas as informações relatadas aqui:

Quadro 5 - Composição do *Minna no Nihongo Shokyū I Kanji Renshūchō*

Composição do livro	
<b>Elementos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Prefácio</li> <li>– Instruções de uso do livro</li> <li>– Lista de ideograma</li> <li>– Índice</li> <li>– Introdução ao sistema de escrita japonesa</li> <li>– Folha de ideograma</li> <li>– Exercício de leitura</li> <li>– Exercício de escrita</li> <li>– Exercício de revisão</li> <li>– Tabela numérica</li> <li>– Index de ideograma</li> <li>– Respostas de ideogramas dos exercícios e revisões</li> </ul>
<b>Informações visuais</b>	– Não há

Fonte: Elaboração própria baseado em Yūki Mukai e Mayumi Yoshikawa (2009, p. 177-178) (2023).

Para a formulação deste quadro verificou-se a primeira parte do material sendo o prefácio, em seguida instruções de uso, uma introdução a escrita japonesa e após o índice. Na segunda parte temos os exercícios e ao final há o index com os 218 ideogramas apresentados no livro.

## 5.8 Configuração das lições

Neste livro realizamos o recorte metodológico da lição de 1 a 10 por conta da repetição da estrutura sem variação temas. A seguir prosseguiremos com as recomendações do organizador no item de instruções.

Para um bom proveito do material didático é preciso seguir as etapas das atividades na qual estão ordenadas por: folha de ideograma (*kanji shiito*), exercício de leitura (*yomirensū*), exercícios de escrita (*kakirensū*), e ao término do estudo, as folhas devem ser entregues aos alunos após corrigidas. Outra recomendação é que é desejável que os professores orientem os alunos para informações das leituras *On'yomi* e *Kun'yomi*, já que a ideia é que os alunos não tenham acesso à lista de respostas. Por fim, temos as folhas de revisão (*fukushū tesuto* e *matome tesuto*) que podem ser aplicadas como teste a cada 6 ou 7 aulas, e por isso o professor deve mantê-las consigo (TŌKYŌ KOKUSAI NIHONGO GAKUIN, 2004). Como essa série tem um

manual do professor, acreditamos que mais informações a respeito do uso do livro e planejamento de aula com esse recurso são mais ricas que no resumo apresentado no livro.

Mais uma vez acreditamos que não há uma metodologia de ensino específica para esse material, pode ser utilizado com o método direto ou abordagem de gramática e tradução. Outro fator importante para destacar é que assim como o livro anterior analisado, se percebe uma participação ativa do professor no monitoramento de progresso do aluno, caso seguirmos as sugestões do autor. Como a poucas informações disponíveis no livro, talvez a melhor opção para o aluno autônomo seja iniciar seus estudos a partir da primeira lição, contudo ao afirmamos haver carência de informações, não estamos colocando a avaliação desse livro em um nível difícil, as atividades são simplificadas. Em relação a modalidade de aprendizagem acreditamos ser possível realizá-la em grupo ou individual.

Na análise das configurações das lições, no recorte metodológico realizado a partir das lições 1 a 10, foi identificado, um dos quatro tipos de exercícios especificados na pesquisa de Stephen Richmond (2005), o exercício de leitura/escrita (do ideograma para hiragana e do hiragana para ideograma). No entanto, há exercícios focado em radicais, como conferimos no *fukushū tesuto* 2 e 3 que na atividade o radical deve ser ligado seu outro componente. Agora partiremos para os detalhes da estrutura dos exercícios: *Kanji Shiito*, *Yomireنشū* e *Kakireنشū*.

O *Kanji Shiito* é a folha onde se apresenta 16 ideogramas por cada lição, divididos 8 na frente e 8 no verso da página. A esquerda está as numerações que apenas ordenam os números de ideogramas presentes na lição e na direita o total deles. Ao lado temos o ideograma maior que está em uma fonte com um design parecido com as de computador MS Mincho e Yu Mincho. Em seguida temos os espaços dedicados ao preenchimento das leituras, vindo na ordem *On'yomi* e *Kun'yomi*. Na esquerda temos a demonstração das proporções do ideograma no espaço do quadrado, nos quatro vazios são os espaços destinados para prática escrita. Abaixo temos um ou mais exemplos de vocabulários com o ideograma estudado, porém o aluno deve pôr a leitura desse vocabulário entre os parênteses. Alguns ideogramas apresentam leitura especial, por isso o livro dispõe legendas e os seus símbolos. Na figura 5 temos o exemplo da folha de ideograma (*Kanji Shiito*) da lição 5-6.

Figura 5 - Folha de ideograma (*Kanji Shiito*) da lição 5-6

5	休	訓 _____	休 休 休	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	47
		音 _____	おととい 休( )みました。					
6	前	訓 _____	前 前 前	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	48
		音 _____	名前( ) 午前					
7	午	訓 _____	午 午 午	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	49
		音 _____	午前( )					
8	後	訓 _____	後 後 後	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	50
		音 _____	午後( )					
<p>※友達(ともだち) 来年(らいねん)<sup>25</sup> 学校(がっこう)<sup>18</sup> 水(みず)<sup>30</sup> 一月(いちがつ)<sup>30</sup>          ※一日(いついち) ※二日(ふつか) 三日(みっか)<sup>15</sup> ※二十日(はつか)</p>								
								17

Fonte: Tōkyō Kokusai Nihongo Gakuin (2004, p. 17).

Assim como o livro anterior, este também possui padrão dos exercícios de leitura/escrita dos vocabulários em ideograma para o hiragana. Conforme vemos na figura 6:

Figura 6 - Exercício de leitura (*Yomirensū*) da lição 5-6

⑦ 全晩<sup>ばん</sup> いっしょに ビールを 飲みませんか。

……ええ、七時に 駅で 会<sup>あ</sup>いましょう。

⑧ 新聞<sup>しん</sup>を 読みます。それから CDを 聞<sup>き</sup>きます。

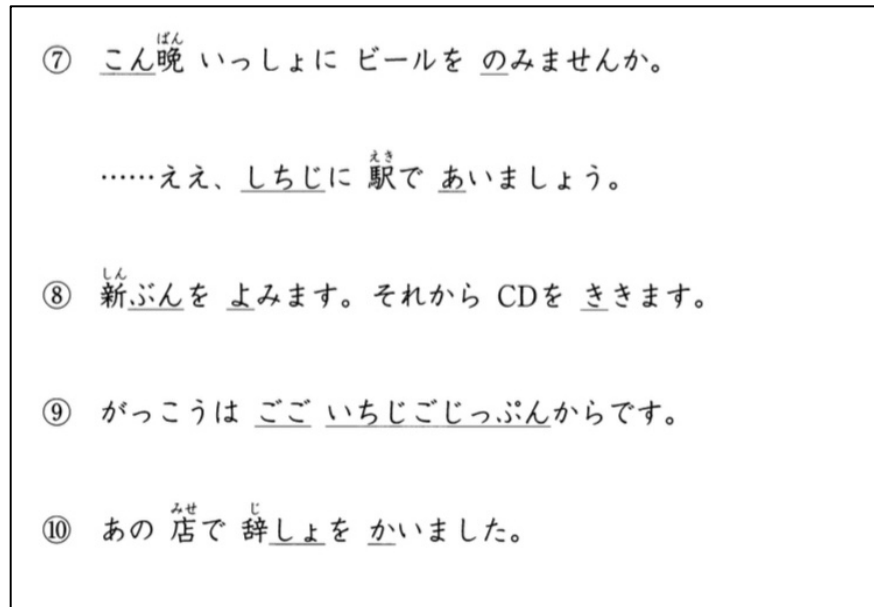
⑨ 学校は 午後 一時五十分からです。

⑩ あの 店<sup>みせ</sup>で 辞書<sup>じ</sup>を 買<sup>か</sup>いました。

Fonte: Tōkyō Kokusai Nihongo Gakuin (2004, p. 17).

E na passagem de sentenças simples de ideograma para o hiragana (uma página).  
Exemplo do *Kakireنشū* da lição 5-6:

Figura 7 - Escrita de ideograma (*kakireنشū*) da lição 5-6



Fonte: Tōkyō Kokusai Nihongo Gakuin (2004, p. 22).

Os únicos textos encontrados no livro foram frases e diálogos curtos. A seleção de ideogramas segundo os autores do livro segue o nível 4 e 5 do JLPT<sup>20</sup>, e como isso não oferece uma análise concreta para classificar o *syllabus*, resta considerar o texto encontrados. Como eles seguem a gramática padrão do caderno de exercícios básicos, “é estruturado tendo como *syllabus* principal o estrutural” (MUKAI e YOSHIKAWA, 2009, p.166, grifo nosso).

Para encerramos essa seção estas foram as características gerais descritas até aqui. O *Renshūchō* é adequado para um público-alvo ao nível superior por ser útil aos professores, alunos e possui modalidade de aprendizagem individual, por ser um livro de exercícios e por oferecer poucas informações sobre os ideogramas. Também temos uma estrutura de exercícios sem variações que se enquadra em um *syllabus estrutural*. O livro não possui metodologia de ensino definitiva, pode ser utilizada tanto com o método direto, bem como abordagem de gramática e tradução, caso as aulas não sejam realizadas em língua japonesa. No Quadro 6 temos o resumo das informações:

<sup>20</sup> Sigla inglesa para Japanese Language Proficiency Test, que é um teste que garante a certificação de proficiência em língua japonesa em 5 níveis.

Quadro 6 - Configuração das lições do *Minna no Nihongo Shokyū I Kanji Renshūchō*

Configuração das lições			
<b>Organização do Syllabus</b>	Estrutural	<b>Estilo de Texto</b>	Sentenças e diálogos
<b>Seleção dos ideogramas</b>	Baseados no JLPT	<b>Modalidade de aprendizagem</b>	Em grupo ou individual

Fonte: Elaboração própria com base em Yūki Mukai e Mayumi Yoshikawa (2009, p. 177-178) (2023).

As informações a respeito da seleção dos ideogramas foram obtidas no prefácio do livro. Enquanto a organização dos *syllabus* tomamos como base a pesquisa de Yūki Mukai e Mayumi Yoshikawa (2009). Os estilos de texto e modalidade de aprendizagem observamos por meio da análise do material.

## 6 REFLEXÃO CRÍTICA ACERCA DA AUTONOMIA PRESENTE NOS LIVROS

Nesta seção, visando elucidar razões para qual esses dois materiais são importantes para a aprendizagem de ideogramas, e, especificamente, verificar se favorecem a autonomia de aprendizagem, elaboramos um quadro avaliativo com critérios que seguem os pressupostos teórico-metodológicos já discutidos anteriormente neste trabalho. No Quadro avaliativo temos oito questões que servem como pontos norteadores para a reflexão sobre autonomia. Para gerar a discussão, respondemos, em seguida, cada uma delas justificando perante três alternativas: sim, não e não se aplica (N/A).

Quadro 7 - Avaliação de autonomia da aprendizagem

Avaliação de autonomia da aprendizagem			
Critérios Avaliativos	Basic kanji book I	Minna no Nihongo Shokyū I Kanji Renshūchō	Observações
1) O conteúdo é de fácil compreensão para os alunos?	Sim [X] Não [ ] N/A [ ]	Sim [X] Não [ ] N/A [ ]	

Fonte: Elaboração própria baseado em Dickinson (1994), Leffa (2016), Tomlison (2011) e Nicolaides e Marx (no prelo, citado por Nicolaides e Fernandes 2007) (2023).



Quadro 7 - Avaliação de autonomia da aprendizagem

Avaliação de autonomia da aprendizagem			
Critérios Avaliativos	Basic kanji book I	Minna no Nihongo Shokyū I Kanji Renshūchō	Observações
2) As informações gerais sobre ideogramas estão presentes no livro?	Sim [X] Não [ ] N/A [ ]	Sim [X] Não [ ] N/A [ ]	No livro <i>Renshūchō</i> estão na seção de respostas.
3) As informações visuais atraem o interesse do?	Sim [X] Não [ ] N/A [ ]	Sim [ ] Não [X] N/A [ ]	O livro BKB possui ilustrações, porém simplistas.
4) Existe variedade de estilos de atividade de escrita e leitura de ideogramas no livro?	Sim [X] Não [ ] N/A [ ]	Sim [ ] Não [ ] N/A [X]	O livro <i>Renshūchō</i> se trata de um material de apoio.
5) Existem níveis diferentes para cada atividade?	Sim [ ] Não [X] N/A [ ]	Sim [ ] Não [X] N/A [ ]	
6) O aluno pode escolher realizar uma atividade por ordem de preferência?	Sim [X] Não [ ] N/A [ ]	Sim [ ] Não [X] N/A [ ]	
7) O livro disponibiliza um meio para que o aluno possa realizar autoavaliação?	Sim [X] Não [ ] N/A [ ]	Sim [X] Não [ ] N/A [ ]	Com a configuração das atividades é possível realizar autoavaliação.
8) O livro disponibiliza um meio para que o aluno possa realizar automonitoramento?	Sim [X] Não [ ] N/A [ ]	Sim [X] Não [ ] N/A [ ]	Com a configuração das atividades é possível realizar automonitoramento.

Fonte: Elaboração própria baseado em Dickinson (1994), Leffa (2016), Tomlison (2011) e Nicolaidis e Marx (no prelo, citado por Nicolaidis e Fernandes 2007) (2023).

O conteúdo de ambos os materiais didáticos foi considerado de fácil compreensão para os alunos por apresentarem seleção harmônica de ideogramas (seguindo o objetivo proposto

pelos autores) e exercícios com configurações simples, que predominantemente seguem a esquematização de leitura/escrita, passando do ideograma para o *kana* e vice-versa, que procuram estimular os alunos a ampliarem a escrita e compreensão; “[...] tais exercícios são populares porque talvez são simples para o professor/autor compor e diretos para os alunos seguirem, e cobrem o que se pensa ser as habilidades básicas de ideograma” (RICHMOND, 2005, p.55, tradução nossa)<sup>21</sup>.

Sobre as informações dos ideogramas presentes nos livros, percebemos algumas diferenças. No BKB, a unidade já dispõe previamente as informações de leituras, significados e vocabulários de um ideograma a ser aprendido e exercitado na lição, enquanto no *Renshūchō*, só estão disponíveis no index do livro. Para a introdução de forma de escrita dos ideogramas, nos dois materiais temos uma seção focada nisso, no entanto, no segundo livro esta parte deve ser percebida de forma mais intuitiva pelo aluno devido à falta de um elemento textual explicando.

Quanto às informações visuais, apenas um dos livros possui ilustrações, só que em estilo minimalista. Acreditamos que servem para fazer a construção da origem e/ou representação imagética de um ideograma, entretanto, para exemplo menos conceitual, poderia haver imagens ou desenhos mais detalhados, como por exemplo nos mapas, objetos, locais etc.

Em relação à variedade de estilos nas atividades de leitura e escrita, é notável que o BKB explora melhor esse recurso. Contudo, ressaltamos que o *Renshūchō* é um material de apoio e, por manter um *syllabus estrutural*, ainda prioriza estruturas gramaticais a qual vemos nas frases e pequenos diálogos nas lições. Outro motivo plausível para não haver essa variação é porque outros materiais da coleção oferecem atividades mais dinâmicas, que também podem trabalhar as metas de escrita, leitura e gramática ao mesmo tempo, como por exemplo, o *Minna no Nihongo Shokyu I Yasahii Sakubun* ou *Minna no Nihongo Shokyū I Kaite Oboeru*. Por tanto, não consideramos válida a comparação com o outro livro analisado.

Acerca do nível das atividades, os dois materiais não apresentam variações e possuem atividades que os alunos podem executar facilmente. E por esta razão acreditamos que no caso do BKB, um aluno que já tem alguma noção prévia sobre ideograma ou se realizou o estudo da unidade 1 pode escolher realizar a lição fora da ordem preestabelecida.

Sobre os meios disponíveis de autoavaliação e automonitoramento, consideramos em nossa análise que os dois livros disponibilizam isso. O *Renshūchō* oferece avaliações de revisão que os alunos podem realizar e conferir as respostas com um professor ou no próprio gabarito

---

<sup>21</sup> [...] Such exercises are popular perhaps because they are simple for the teacher/writer to compose and straightforward for the learners to follow, and cover what is thought to be the core kanji skills.

e ainda oferece instruções de uso breves em seu prefácio e mais detalhadas no manual do professor. Já no livro BKB, foi possível detectar nas revisões e nas atividades extras uma maneira de realizar essa avaliação visando o monitoramento do desempenho, no entanto, o livro não possui seção de respostas.

Assim, de forma sucinta, evidenciamos por meio dos critérios algumas características que contribuem com o aprendizado de ideogramas e elementos que estimulam a autonomia de aprendizagem. As informações do quadro anterior evidenciam que tanto o BKB quanto *Renshūchō* se qualificam como um material adequado para estudos autônomos de ideograma, por alcançarem conceitos expostos por Tomlison (2011) de que um material didático deve dispor vocabulários usuais e autênticos da língua-alvo e abranger modalidades diferentes de atividades que ocasionam mais formas de aprendizagem de um conteúdo, a exemplo disso, temos as atividades extras dos livros e, ainda no BKB, lúdicas como a sugestão de jogos.

É importante salientar que os materiais analisados não são projetados para ser um livro *self-access*<sup>22</sup>, no entanto, possui algumas configurações de exercício semelhantes que descritas por Tomlison como “[...] atividades práticas que usaram múltipla escolha, preenchimentos de lacuna e correspondência e de transformação” (2011, p.320, tradução nossa)<sup>23</sup>, que acreditamos favorecer as ações de autonomia relativas à aprendizagem, ao serem atividades fáceis que apresentam um resultado imediato a qual o aluno pode realizar a autoavaliação e automonitoramento.

Quando o aluno consegue tomar decisões sobre seus estudos, delimitando seus objetivos, para Dickinson (1994) e Leffa (2016) são indícios da presença da independência na aprendizagem. Outra condição que deve ocorrer para que essa independência aconteça é a descentralização do saber voltado ao professor, já que “faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar conteúdo, mas também ensinar a pensar certo” (FREIRE, 2021, p.28). Logo, se pensarmos na importância de um material didático de ideogramas, devemos considerar que o livro será um dos recursos que guiarão os alunos e professores no estudo da escrita da língua japonesa, uma vez que esse material foi desenvolvido para atender suas necessidades. Todavia, não significa que apenas utilizando o livro se garante o aprendizado.

É preferível que “em materiais para o ensino de língua estrangeira, o desenvolvimento do aprendizado autônomo deve ser um de seus componentes” (NICOLAIDES e FERNANDES,

---

<sup>22</sup> Nesse tipo de material de auto-acesso, segundo Tomlison (2011), os alunos podem trabalhar inteiramente por conta própria.

<sup>23</sup> [...] practice activities which have used multiple choice, gap-filling, matching and transformation.

2007, p.44), para assim termos uma forma de promover o contato com a língua alvo de forma sistemática e mais próxima possível da linguagem autêntica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do desafio da aprendizagem de ideogramas, buscaram-se formas de auxiliar os alunos nesta formação do saber, e visto que os materiais didáticos fazem parte das práticas de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, torna-se importante a questão da avaliação para aferir sua contribuição no desenvolvimento da autonomia dos alunos. Por esse motivo, adotamos critérios avaliativos já estabelecidos por outros autores e adaptamos para seguir com a análise dos livros didáticos, a fim de verificar seu conteúdo e a autonomia existente neles. Conforme o resultado desta pesquisa, concluímos que ambos os livros são recursos valiosos para o estudo de ideogramas e que excitam a autonomia, pois se adequaram em boa parte dos itens requeridos nosso quadro avaliativo, contudo, o livro BKB obteve um número maior de marca positiva (7 no total) porque apresentou mais informações referentes a características dos ideogramas, o que julgamos mais efetivo para que os alunos aprendam esses caracteres não somente por leitura e significado, mas também por composição. No entanto, o livro *Renshūchō* apresentou resultados significativamente positivos (4 no total e um item que não podemos aplicar a avaliação), revelando não haver uma expressiva desvantagem do uso em relação ao livro anterior. Assim obtivemos um resultado diferente da hipótese que esperávamos confirmar que somente o BKB fosse conveniente para a aprendizagem autônoma de ideogramas.

Na análise dos dados, notamos que os livros possuem configurações distintas e, com a maneira que estipulamos na metodologia para a coleta das informações, foi possível identificar os elementos que compõe cada material a partir da tradução dos seus prefácios e o que não estava em evidência foi completado com a análise, a exemplo das metodologias ensino que recomendamos e os seus *syllabus*. Na reflexão crítica reiteramos que os critérios elaborados são amplos e de teor subjetivo, desse modo se faz importante recordar que um dos pontos que iniciaram esta pesquisa foi justamente a experiência de uso que tive durante um semestre em meu curso. Gostaríamos de recomendar para pesquisas futuras que realizarem a mesma temática estabelecer mais critérios para a avaliação da autonomia nos materiais baseado nas experiências de mais discentes. Como vimos também a análise sob a perspectiva do discente, seria interessante realizar pesquisas de estratégias de promoção da autonomia de aprendizagem de ideogramas incentivadas pelo docente

Ao realizarmos esta pesquisa tivemos algumas limitações. Por conta curto período de um semestre, infelizmente não conseguimos expandir a pesquisa. Apresentamos apenas uma análise básica sem entrar em outros conceitos de autonomia de outros autores, o que leva também a segunda limitação que foi a de reunir mais fontes bibliográficas de autores que

abordam teorias da autonomia de aprendizagem. Outro problema que enfrentamos foi a escassez de pesquisas sobre análises de materiais didáticos com ênfase na autonomia de aprendizagem de ideogramas.

Esperamos que este estudo contribua para a reflexão sobre a autonomia presente em livros didáticos que servem como ferramenta de apoio na aprendizagem de ideogramas para nós estudantes de língua japonesa. Visto que grande parte desse conhecimento é fruto do nosso esforço individual, é justo que a autonomia venha ser um dos quesitos principais na escolha de um livro didático, assim talvez potencializando o aprendizado e a autonomia dos alunos em relação aos ideogramas.

## REFERÊNCIAS

CURSO DE LETRAS-LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. **Projeto Político Curricular**. Manaus, 2014.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: [http://www.faed.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/1428/minayo\\_\\_2001.pdf](http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf). Acesso: 20 de jun. 2022.

DICKINSON, Leslie. Learner autonomy: what, why and how? In: LEFFA, Vilson Jose (ed). **Autonomy in Language Learning**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994, p. 2-12 Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/livros\\_4.htm](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/livros_4.htm). Acesso em: 21 abr. 2023.

FACHIN, Odilia. **Fundamentos de metodologias**. 5ª ed. [rev]. São Paulo: Saraiva, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e terra, 2014.

GOTTHEIM, L. **A gênese da composição de um material didático para ensino-aprendizagem de português como segunda língua**. 2007. 323p. : il. Tese de Doutorado. Tese (doutorado em Letras)-Universidade de Campinas, SP. DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2007.399521>. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/sbu/>. Acesso em: 27 jun. 2022.

HAYASHI, Renan Kenji Sales. **Não existe material ideal, né?: crenças, experiências e ações sobre o material didático de Língua Japonesa (como LE) na Universidade**. 2015. xv, 235 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) —Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/18228>. Acesso em: 18 jul. 2022.

HAYASHI, Renan Kenji Sales. **Nova retórica: uma leitura analítica de materiais didáticos de língua japonesa como le**. Cadernos do IL, [S. l.], n. 52, p. 252–269, 2017. DOI: 10.22456/2236-6385.67885. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/67885>. Acesso em: 18 jul. 2022.

HUTCHINSON, Tom; WATERS, Alan. **English for specific purposes**. Cambridge university press, 1987.

JOKO, Alice Tamie. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua japonesa como língua estrangeira**. In: XVII Congreso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina (Alfal 2014). 2014. p. 3225-3241. Disponível em: <https://mundoalfal.org/CDAnaisXVII/anais.html>. Acesso em: 18 jul. 2022.

KANO, Chieko *et al.* **Basic Kanji Book volume 1**. Tokyo, Bonjinsha Co., 3ª ed, 1990.

LEFFA, Vilson Jose. **Língua estrangeira. Ensino e aprendizagem**. Vilson Jose Leffa. Pelotas: EDUCAT, 2016.

MUKAI, Yûki. As pesquisas em crenças no ensino aprendizagem de japonês como LE no Brasil. **Estudos Japoneses**, [S. l.], n. 36, p. 147-161, 2016. DOI: 10.11606/ej.v0i36.127695. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/127695>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MUKAI, Yûki. Crenças e necessidades de aprendizes de japonês como LE (língua estrangeira) a respeito da habilidade da escrita e materiais didáticos. **Estudos Japoneses**, [S. l.], n. 31, p. 193-219, 2011. DOI: 10.11606/ej.v0i31.143091. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/143091>. Acesso em: 26 jul. 2022.

MUKAI, Yûki; YOSHIKAWA, Mayumi Edna Iko. Análise e crítica de dois materiais didáticos em língua japonesa. **Estudos Japoneses**, [S. l.], n. 29, p. 157-178, 2009. DOI: 10.11606/ej.v0i29.143021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/143021>. Acesso em: 04 jul. 2022.

NICOLAIDES, Christine; FERNANDES, Vera. **Autonomia**: critérios para a escolha de material didático e suas implicações. In: LEFFA, Vilson Jose. Produção de materiais de ensino: teoria e prática. Pelotas: Educat, 2007.

NISHIHATA, Saori. **Não me considero um aprendiz autônomo em relação à Língua Japonesa**: crenças e ações de aprendizagem de estudantes com baixo aproveitamento acadêmico. 2017. xiv, 140 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/24578>. Acesso em: 18 jul. 2022.

OLIVEIRA, André Willian Marques. **É assim que eu escrevo**: estratégias de aprendizagem de Kanji e crenças de professores de língua japonesa em formação. 2013. xv, 163 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/13562>. Acesso em: 20 de jun. 2022.

OXFORD ENGLISH DICTIONARY. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/>. Acesso em: 18 de jun. 2022.

RICHMOND, Stephen. A re-evaluation of kanji textbooks for learners of Japanese as a second language. **Journal of the Faculty of Economics, KGU**, vol.15, jul, 2005. Disponível em : [https://kyotogakuen.repo.nii.ac.jp/?action=pages\\_view\\_main&active\\_action=repository\\_view\\_main\\_item\\_detail&item\\_id=868&item\\_no=1&page\\_id=13&block\\_id=21](https://kyotogakuen.repo.nii.ac.jp/?action=pages_view_main&active_action=repository_view_main_item_detail&item_id=868&item_no=1&page_id=13&block_id=21). Acesso em: 30 de mai. 2023.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica**. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213838/000728731.pdf>. Acesso: 20 de jun. 2022.

SUZUKI, Tae. A escrita japonesa. **Estudos Japoneses**, [S. l.], v. 5, p. 53-61, 1985. DOI: 10.11606/ej.v5i0.142790. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/142790>. Acesso em: 17 abr. 2023.

TŌKYŌ KOKUSAI NIHONGO GAKUIN (Org). **Minna no Nihongo Shokyū I Kanji Renshūchō**. 1ª Tōkyō, 2. ed., 2004.

TOMLINSON, Brian (Ed.). **Materials development in language teaching**. Cambridge University Press, 2011.

YABE, Reiko. Jōyōkanji kaiteigo no shidō katei ni okeru jikansa hassei no mondai ga kanji shidō ni ataeta eikyō — 2012-2013-nendo no zenkoku kōtō gakkō o taishō to shita chōsa kekka nimozuite (O impacto do problema da defasagem de tempo no processo de ensino de kanji após revisão do Jōyō kanji com base nos resultados de uma pesquisa em escolas de ensino médio de



todo o país no ano de 2012-2013). **Hokkaidōbunkkyōdaigaku ronshū**, n. 18, p. 31-42, mar. 2017. Disponível em: <http://id.nii.ac.jp/1427/00000705/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

**YAMASHIROYA, So. Autonomia na aprendizagem da língua japonesa além da sala de aula: um estudo de caso de estudantes universitários na cidade de São Paulo.** 2015. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.8.2015.tde-19102015-134911. Acesso em: 24 de jul. 2022.

**YASSUI, Lucas. Akira. Crenças a respeito das estratégias de aprendizagem dos kanji da língua japonesa.** 2015. x, 63 f., il. Monografia (Licenciatura em Letras - Japonês)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/11653>. Acesso em: 19 de jun. 2022.